

OS JUDEUS

LULU LANDWEHR REENCONTROU A VIDA NA BRASÍLIA EM CONSTRUÇÃO

9 MIL
ESTRANGEIROS
MORAM
NO DF

MARIANA MAINENTI

DA EQUIPE DO CORREIO

Na juventude, Lulu Landwehr sofreu as consequências da Segunda Guerra Mundial. Ela traz em sua história marcas que nem o tempo pode apagar. Judia, nascida na Romênia em 1925, não esquece da dolorosa experiência em Auschwitz, o que a fez mergulhar fundo no sentido da existência humana: "Eu pisei em cima de jóias. Aprendi que as pessoas se apegam muito à terra, mas esquecem que a terra os come no final. Se todo o mundo soubesse o quão pouco é necessário para viver!"

O rosto dessa sobrevivente do campo de concentração nazista, no entanto, ilumina-se quando relembra os áureos tempos vividos no início da capital federal. O nascimento de Brasília significou para Lulu e o marido, Dan, um novo começo. "Brasília no início era um show! Todos estávamos felizes: conhecíamos todo mundo, íamos a muitas festas e recebíamos amigos em casa sempre. Trabalhei muito, mas nunca disse que estava cansada porque fazia tudo com muito prazer", recorda-se.

Ao ser questionada sobre suas origens, ela afirma categoricamente: "Eu sou desse mundo". Além do Brasil e da Romênia, onde nasceu, morou na Hungria, Suíça, França, Alemanha, Áustria, Portugal e Argentina. Ao chegar ao Porto de Santos, onde desembarcou em 1952, falava romeno, francês, alemão, inglês, húngaro e espanhol. Ela conta que, quando ouviu o português pela primeira vez, soou-lhe como o russo. "Eu ouvi o meu marido conversando com o taxista e perguntei a ele se estavam falando russo."

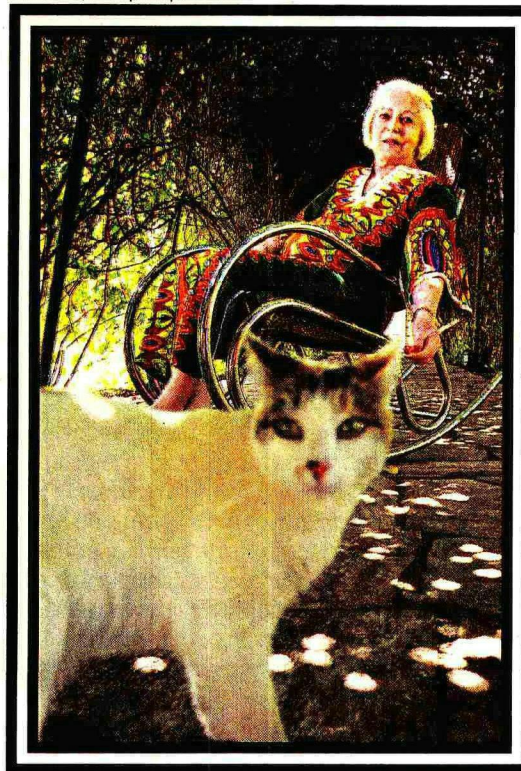
Eles viveram em São Paulo até 1960, quando decidiram mudar para a nova capital. "Tínhamos uma indústria de móveis em São Paulo, meu marido veio aqui para a inauguração da cidade e decidiu abrir uma empresa em Brasília", relata. "Alugamos uma loja nos fundos de outra, mas em três meses já passamos para a frente, na W3". A loja logo tornou-se uma fábrica, a primeira de móveis em Brasília.

Os dias ensolarados estão entre os motivos que mais contribuíram para que ela gostasse da cidade. "Eu vivia no sol. Tinha cor de chocolate." Essa rotina era impensável anos antes. Quando saiu do campo de concentração, sua saúde estava tão frágil que era proibida pelos médicos de tomar sol e até de ter filhos, por conta de doenças pulmonares.

Lulu abre um sorriso ao relembrar as travessuras do filho na capital. "Como toda criança em uma determinada idade, ele não gostava de tomar banho. Então, molhava a cabeça para fingir que tinha se banhado. Só que eu descobria logo que era mentira porque naquela época Brasília tinha tanta terra que o banheiro ficava marrom depois do banho. Quando eu via o banheiro limpinho, já sabia que estava tentando me enganar." Um dia, Roberto levou um saco cheio de terra para jogar no chão e forjar o banho. "O problema é que o saco estourou. Quando entrei lá tinha terra até no teto!", conta, soltando gargalhadas.

A rotina da família seguiu movimentada até que, em 1981, o marido faleceu: "Sentia muita

Cristiano Mariz/Especial para o CB



falta dele". Ela conheceu Dan durante a fuga da Romênia, em 1947, e ganhou um companheiro para a vida. "Nós sempre fizemos tudo juntos. Sem planejar. Simplesmente, cada um ia fazendo a sua parte." Após a morte do marido, ela manteve as partidas de bridge que jogava com amigos em sua casa. Aos 80 anos, surpreende os jovens. Lançou o livro autobiográfico *...E Pilatos lavou as mãos* e não vive mais sem a internet, que usa para acessar os seus emails e telefone para os amigos.

Nos primeiros anos que viveram aqui, Lulu Landwehr tinha uma rotina atarefada, trabalhando durante o dia todo e criando os dois filhos, Vivian e Roberto. Assim mesmo, decidiu atender ao pedido

de uma senhora que apareceu certa vez na loja da família e lhe propôs participar das atividades da comunidade judaica. "Eu nem sabia cozinhar muito bem, mas fiz um jantar de Páscoa no Brasília Palace Hotel. Como não havia ingredientes na cidade, tive de trazê-los de São Paulo", recorda-se.

O jantar de Páscoa Judaica dos Landwehr tornou-se tradição. Os que tentam hoje reescrever o percurso da comunidade em Brasília usam o evento como referência histórica. "Entre os anos de 1963 e 1964 havia cerca de 75 a 80 famílias em Brasília. Somente no jantar de Páscoa na residência de Dan Landwehr havia 73 pessoas", estima a jornalista Golda Oliveira, que é responsável pelo arquivo judaico de Brasília. Segundo Golda, ao todo cerca de 180 famílias de judeus se fixaram de forma permanente na cidade.

Além de Lulu, havia outros seis sobreviventes de campos de concentração. Mas mesmo aqueles que não haviam vivido diretamente os horrores da guerra traziam as marcas do nazismo em sua história. Golda conta que o pai e a mãe dela foram os únicos sobreviventes do holocausto em suas respectivas famílias. "Todos os parentes de ambos morreram em campos de concentração". Apaixonada pela cidade, o que mais a encantou quando saiu de São Paulo para morar aqui foi a ausência do passado: "Não havia história até então. Era tudo novo. Nós, que resolvemos ficar aqui, é que estamos começando a história da cidade."

Segundo ela, não havia muitos comerciantes judeus na capital, ao contrário do que aconteceu em outras cidades. "A maioria dos judeus que vieram para cá foram funcionários públicos transferidos de seus estados", conta. Este é o caso de Samuel Szerman, hoje aposentado da Petrobras, que veio para Brasília transferido pela empresa, em 1978. "Eu tinha 43 anos e só havia morado no Rio. Confesso que não vim com muito boa vontade, mas encontrei uma qualidade de vida que não existe nas grandes cidades do país e não quis mais voltar."